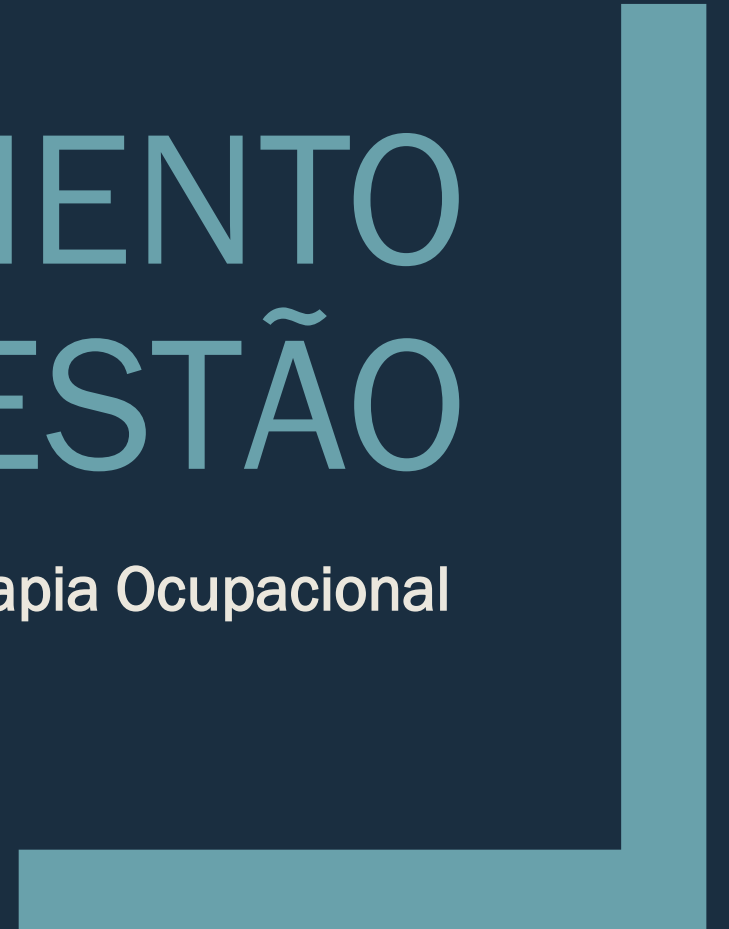


O CONHECIMENTO COMO QUESTÃO

Metodologias de pesquisa em Terapia Ocupacional



Discutir a ciência no momento atual

- Estamos vivendo uma crise planetária sanitária, econômica e social, decorrente da pandemia de Covid-19.
- Neste quadro, a importância da produção científica tem sido indiscutível e se evidenciou na necessidade de produção de vacinas, de estudos das formas de tratamentos e de invenção de formas de enfrentamento dos efeitos econômicos e sociais do isolamento social e distanciamento físico.
- Estudos e pesquisas são importantes e necessários, entre outros, para combater o aumento vertiginoso do sofrimento psíquico, da violência, diminuir vulnerabilidades de diversos grupos sociais, discutir e buscar soluções para as questões postas à educação.

Discutir a ciência no momento atual

- Por outro lado, assistimos com frequência ataques às Universidades Públicas brasileiras e à ciência
- Por isso é ainda mais necessário manter viva a discussão em torno do conhecimento como forma de radicalizar o projeto democrático de uma universidade pública, gratuita, de qualidade e de amplo acesso.
- Debater a concepção de universidade e de ciência e suas dinâmicas internas e seus problemas fundamentais é uma forma de mantê-las vivas. E ao mesmo tempo questionar os procedimentos de validação, legitimação e hierarquização dos saberes.
- O conhecimento científico se caracteriza pelo debate e constante transformação e atualização

Problematizar os saberes

- Distinguir conhecimentos e saberes de informação e propaganda;
- O conhecimento implica uma relação problemática com o mundo; um tempo para entrar em contato com este problema, fazer perguntas, buscar respostas e soluções; e, envolve um fazer coletivo
- Considerar a ciência como uma das formas de conhecer, pautada no questionamento e na incerteza, no interior da qual há um debate constante sobre a validação dos conhecimentos que ali são gerados
- No contemporâneo este debate se instaura na proposição de novas epistemologias que consideram os conhecimentos produzidos em outras esferas culturais (epistemologias feministas, epistemologias do sul, etc.) e promovam prática científica que privilegiem o debate, a contestação, a desconstrução e as conexões em rede para que seja possível transformar os sistemas de conhecimento e as maneiras de viver.



O QUE CHAMAMOS DE CIÊNCIA MODERNA?

O PROJETO EPISTEMOLÓGICO DA MODERNIDADE

Surgimento da Ciência Moderna e seu contexto

- A ciência moderna é uma forma de conhecimento que se autonomizou dos saberes tradicionais num mundo muito específico, no qual o projeto epistemológico ganhou uma posição central; um mundo que se colocou o problema de como produzir e validar os conhecimentos. (Figueiredo; Loureiro, 2019)
- Essa forma de conhecimento nasceu na Europa, no momento de sua transformação em direção ao modo de produção capitalista e de seu espraiamento pelo planeta através dos processos de colonização de outras terras e os outros povos.

Surgimento da Ciência Moderna

- Foucault indica que o surgimento da ciência moderna no século XVIII, na Europa, decorre de um processo de lutas e tentativas de apropriação e anexação de saberes plurais - dispersos, polimorfos, diferentes— que são ao mesmo tempo tentativas de homogeneização e generalização, no contexto de lutas econômico-políticas.
- O combate se deu através de quatro procedimentos:
 - *eliminação e desqualificação de saberes menores;*
 - *normalização dos saberes entre si;*
 - *classificação hierárquica desses saberes;*
 - *e centralização piramidal dos poderes relativos a esses saberes.*

As cisões que o método moderno opera

O empreendimento epistemológico moderno está sustentado na ideia de que é possível a construção de um conhecimento universal e para isso é necessário uma nítida separação entre

- Universal
- Mundo real
- Mente - razão
- Sujeito do conhecimento
- Conhecimento objetivo
- (neutro, imparcial, racional)
- Específico / Local
- Imaginação
- Corpo
- Objeto do conhecimento
- Conhecimento subjetivo / Ilusão
- (pessoal, parcial, emocional)

A ciência e o disciplinamento dos saberes

- O conjunto dessas operações correspondem ao que Foucault denominou disciplinamento dos saberes com suas práticas, instituições, organizações internas a cada saber e o escalonamento dos saberes assim disciplinados numa espécie de campo global a que se chama ciência.
- “Sob aquilo que se denominou o progresso da razão, o que se passava era o disciplinamento de saberes polimorfos e heterogêneos.”
- Como domínio geral, a ciência irá formular procedimentos para disciplinar os saberes: a classificação, hierarquização e vizinhança.
- A epistemologia desempenha, neste contexto, a função de seleção e legitimação (ou deslegitimação) dos saberes.

Projeto epistemológico da modernidade

- Surge da tentativa de ordenar o mundo e de uma necessidade de homogeneização das crenças, normas e critérios de ação, impondo uma renúncia à variedade;
- Baseia-se na crença em um mundo único e procura fenômenos permanentes e estáveis;
- Busca construir uma linguagem universal e provoca uma descontextualização das atividades científica, reflexivas e filosóficas;
- E, para isso, precisa reduzir ao máximo a variabilidade do(s) mundo(s)

Ciência, colonialismo e política

- A ciência não é um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais e de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em que acreditar. Os temas, paradigmas e metodologias do academicismo tradicional refletem não um espaço heterogêneo para a teorização, mas sim interesses políticos específicos (..) e determina as questões que merecem ser colocadas (temas), como analisar e explicar um fenômeno (paradigmas) e como conduzir pesquisas para produzir conhecimento (métodos).
- Nesse sentido define não apenas o que é o conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar
- Mas quem define quais perguntas merecem ser feitas? Quem as está perguntando? Quem as está explicando? E para quem as respostas são direcionadas?

The image features a light blue background with two dark blue L-shaped brackets. One bracket is positioned in the top-left corner, and the other is in the bottom-right corner. Centered between these brackets is the text 'CRÍTICAS E OUTRAS EPISTEMOLOGIAS' in a dark blue, sans-serif font.

CRÍTICAS E
OUTRAS EPISTEMOLOGIAS

O CONHECIMENTO é uma produção da vida e está presente no cotidiano

- Para FEYERABEND o conhecimento é qualquer dispositivo apto a dar intelegibilidade aos fenômenos (“para viver num determinado mundo um indivíduo precisa de conhecimentos”); uma grande parte dos conhecimentos reside na capacidade de captar e interpretar fenômenos. Assim o autor põe em questão a separação entre o conhecimento, a realidade e a vida, realçando o que Polanyi chamou de conhecimento tácito.
- Para POLANYI há uma dimensão do conhecimento que é tácito (silencioso), que está impregnado em nosso corpo e de difícil articulação no discurso (campo do não representacional ou pré-representacional): conjunto de habilidades perceptivas e de execução entranhadas no corpo (saber-fazer; saber de ofício). Em oposição o conhecimento explícito (ou explicitável) se organiza como sistema de representações que pretende descrever e explicar um aspecto da realidade

O conhecimento não se separa da experiência

- Donna Haraway (1995) propõe um projeto de ciência que possa insistir na diferença e na multiplicidade dos conhecimentos locais, produzidos a partir de corpos enraizados em situações específicas: uma ciência confiável produzirá sempre saberes localizados “parciais, localizáveis, críticos, apoiados na possibilidade de redes de conexão, chamadas de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia.”. Segundo a autora, somente uma política e uma epistemologia engajada poderá fornecer conhecimento crítico, objetivo e responsável.
- O ato de pensar deve se enraizar no presente. É preciso poder pensar a partir da própria situação e das próprias estruturas. (Felwine Sarr, 2019)
- A singularidade das experiências históricas é uma evidência. Pode-se extrair de cada experiência suas normas específicas de inteligibilidade, sem que necessariamente intervenham os instrumentos e categorias privilegiados por uma outra experiência. (Mudimbé, 1982 apud Sarr, 2019)

O conhecimento é local

- O MUNDO NO QUAL VIVEMOS, QUE CONSTRUÍMOS, ESTUDAMOS / PESQUISAMOS é um mundo imenso e variado; não é o mesmo para todos os pesquisadores (nem todos vivemos no mesmo mundo);
- O conhecimento é local e não universal. O mundo construído depende de nossos recursos linguísticos que não são universais;
- Grada Kilomba (2019) diz que a teoria está sempre posicionada em algum lugar e é sempre escrita por alguém. “Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevem a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade. (...) Um discurso que é tão político, quanto pessoal e poético.”

4 dimensões para uma outra epistemologia: contribuições do pensamento feminista negro

- **Experiência:** conhecimento é produzido a partir da experiência, no interior de uma rede de relações: a experiência concreta deveria ser o critério de significação e validação de conhecimento
- **Diálogo:** a conexão, e não a separação, é um componente essencial do processo de conhecer ; a expressividade, as emoções e o diálogo entre pontos de vista diferentes devem conduzir os processos de produção e validação de conhecimento; isso coloca no centro desses processos a capacidade de **empatia:** a melhor maneira de entender as ideias de outra pessoa é tentar compartilhar as experiências que levaram essa pessoa a formular essas ideias.
- **Ética do cuidado:** enraizada na tradição do humanismo africano, a ética do cuidado considera cada indivíduo como expressão única e singular de um espírito comum, ou energia expressa por toda a vida.
- **Ética da responsabilidade:** todas as opiniões expressas e as ações tomadas derivam de um conjunto central de crenças que não podem ser diferentes de pessoal, o que indica que nem a emoção nem a ética está subordinada à razão.

UMA PERSPECTIVA CRÍTICA EM TERAPIA OCUPACIONAL



A análise crítica do que existe assenta no pressuposto de que a existência não esgota as possibilidades da existência e que, portanto, há alternativas susceptíveis de superar o que é criticável no que existe.

O desconforto, o inconformismo ou a indignação perante o que existe suscita impulso para teorizar a sua superação.

SANTOS, 2011, apud GALHEIGO, 2019

O que caracterizaria um pensamento e uma prática críticos?

- *“Por teoria crítica entendo toda a teoria que não reduz a ‘realidade’ ao que existe”* (SANTOS, 2011, p.23). (Santos, 2011)
- Segundo Galheigo (2019) Santos defende a teoria crítica como um campo de possibilidades: a tarefa do pensador crítico é definir a natureza e o escopo das alternativas ao que é dado empiricamente, na busca por não desperdiçar a experiência humana.

A partir do pensamento de Paulo Freire, podemos dizer que nas pesquisas críticas

- Pessoas estudadas são parceiros no processo da pesquisa;
- A experiência de encontrar algo na pesquisa provoca uma alegria que está diretamente relacionada com atos de criação e recriação;
- Praticantes como pesquisadores: conhecer através da experiência é condição para a construção de um praticante crítico, produtor de conhecimento, que reflete sobre suas necessidades profissionais, está consciente da complexidade de sua prática (processo educacional, terapêutico, etc.)
- Uma cultura profissional vibrante depende de um grupo de praticantes que têm a liberdade de continuamente reinventar a si mesmo e sua prática;
- Os profissionais instauram um diálogo com as pessoas acompanhadas que questionam os conhecimentos existentes e problematiza as relações de poder que serviram para marginalizar indivíduos e grupos específicos
- Praticantes/pesquisadores críticos frequentemente olham seu trabalho como um primeiro passo em direção a formas de ação política que podem transformar as injustiças presentes no campo.

O que caracterizaria uma TO crítica?

- Galheigo (2019) propõe pensar em bases teórico-conceituais para a terapia ocupacional crítica em termos de um campo de possibilidades que busca entender e desvelar alternativas para lidar com as condições concretas da vida cotidiana dos sujeitos e coletivos para quem dedica seus esforços e conhecimento.
- Uma atividade profissional que aponta *para além do que existe* e busca resgatar e problematizar o já feito
- Para ela construir argumentos que possam recolocar, prover e sustentar um arcabouço teórico-crítico para a terapia ocupacional não tem a intenção de construir linhas demarcatórias entre certos e errados, mas tem a função de servir de inspiração e colaborar na produção de práticas cada vez mais emancipatórias,

Uma perspectiva crítica em TO vem sendo construída no Sul

- Essa perspectiva considera que, as condições sociais, culturais e políticas típicas do processo de colonização e inserção no capitalismo global demandaram estudos, práticas e formulações de políticas que possam lidar com questões sociais, distintos daqueles propostos nos países do Norte
- As perspectivas críticas na terapia ocupacional que vêm sendo construídas no Sul tiveram que fazer deslocamentos em relação a sua compreensão de sujeito e sociedade.

Perspectiva Crítica em TO - DESLOCAMENTOS

- Para Alejandro Guajardo (2012) houve uma virada gradual na TO de posições teórico-metodológicas radicadas nas ciências naturais para as ciências humanas sociais, que alterou significativamente os métodos de pesquisa.
- Começam a participar da produção de conhecimento na TO perspectivas estruturalistas, marxistas, construcionistas e pós-estruturalistas.
- Emergem problematizações que põe em questão – do ponto de vista prático e teórico – a parcialidade a-histórica da TO dominante; e categorias como: ambiente; contexto social, histórico e cultural

Perspectiva Crítica em TO - DESLOCAMENTOS

- *Epistemológico*: ruptura com perspectivas positivistas, que predominaram em nossa construção história, como dispositivo social e caráter prático-científico; alteração na forma de compreender as relações entre sujeito e contexto, sujeito e objeto na pesquisa, conhecimento e experiência;
- *Metodológico*: presença de estratégias hermenêuticas (que consideram a produção coletiva do sentido); pesquisas qualitativas; pesquisas participativas;
- *Político e ético*: questionamento do capitalismo e da globalização e seus efeitos na vida social; direitos humanos como eixo que sustenta a atuação da TO; desafio da emancipação e liberdade dos sujeitos; importância da ação comunitária e coletiva; perspectivas culturais, de gênero, de classe social

A crítica como saber : pesquisar a prática

- A experiência adquire centralidade: só há conhecimentos situados e locais; experiências a serem compreendidas e significadas
- As análises e intervenções devem ser situadas
- As pesquisas não se dissociam do respeito aos direitos, da política, da comunidade e de uma postura ética e crítica, transformadora do mundo social do qual somos parte.
- Novas concepções teóricas, compreensivas da TO requerem um acompanhamento permanente do pensamento e da reflexão: o central passa a ser os significados e sentidos das ocupações em contextos socioculturais particulares.
- A crítica torna-se o lugar privilegiado para a produção de conhecimento.

O que caracteriza a Pesquisa da prática

- Uma pesquisa é algo que surge de questões ou gera questões e reflete a preocupação de pesquisadores em atribuírem sentido às suas experiências, adotando uma atitude de aprendizagem relativamente à sua prática.
- A pesquisa da prática visa resolver problemas profissionais e aumentar o conhecimento relativo a estes problemas.
- Objetivos: compreender a prática; alterar algum aspecto desta prática; ou procurar compreender problemas que afetam essa mesma prática com vista à proposição de estratégias de ação
- Momentos da pesquisa: formulação do problema; coleta ou produção dos dados; análise; e, divulgação dos resultados
- Assim, uma pesquisa sobre a própria prática deve: referir-se a um problema ou situação prática; expressar um ponto de vista próprio ou conter algum elemento de novidade (as situações da prática profissional tendem a ser únicas e irrepetíveis); possuir caráter metodológico (explicitar questões e procedimentos); e ser dialógica e pública.

Pesquisar a própria prática

- Professores (como terapeutas ocupacionais) defrontam-se constantemente com situações problemáticas, o que torna necessária a exploração da prática e a sua permanente avaliação e reformulação. A base para essa atuação é a atividade investigativa, inquiridora, questionante e fundamentada.
- Assim a pesquisa sobre a prática profissional constitui um elemento decisivo na prática de professores (dos TOs também), geralmente realizada de um modo intuitivo e sem assumir características da investigação realizada em contextos acadêmicos.
- A pesquisa sobre a sua prática é, por consequência, um processo fundamental de construção do conhecimento sobre essa mesma prática e uma atividade de grande valor para o desenvolvimento profissional dos professores e para as comunidades e instituições envolvidas.

Referencias Bibliográficas

COLLINS, P. H. The Social Construction of Black Feminist Thought. *Signs*, 1989,14 (4): 745-773

FIGUEIREDO L.C.; LOUREIRO, I. O conhecimento em questão. In: _____. Os saberes PSI em questão: Sobre o conhecimento em psicologia e psicanálise. São Paulo: Ed. Vozes, 2019.

FOUCAULT, M. Em defesa da Sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUAJARDO, A. Enfoque y práxis em terapia ocupacional. Reflexiones desde uma perspectiva de la terapia ocupacional critica. In: BERNARDO, S.M. et all. (Org.) Ocupación, cultura y sociedad, compromiso de la terapia ocupacional. TOG, 2012.

GALHEIGO, S.M. Terapia ocupacional, cotidiano, e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 2020, 28(1): 5-25.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Capinas, v. 5, p. 7-41, 1995.

Referencias Bibliográficas

KILOMBA, G. Quem pode falar? Falando no centro, descolonizando o conhecimento. In: ____ Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KINCHELOE, J. L.; McLAREN, P.; STEINBERG, S.R. Critical Pedagogy and Qualitative Research: moving to the bricolage. In: STEINBERG, S.R.; CANNELLA, G.S. Critical Qualitative Research Reader. New York: Peter Lang, 2012.

LIMA, E. A. Vida ativa, mundo comum, políticas e resistências: pensar a TO com Hannah Arendt. Tese de Livre-docência. FMUSP, 2017.

PONTE, J. P. Investigar a nossa própria prática. Departamento de Educação e Centro de Investigação em Educação. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir. ^[L]_[SEP] Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Cadernos de Subjetividade, PUC, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, set./fev. 1993.

_____. A hora da micropolítica. São Paulo: n-1 Edições. 2016.

SARR, F. Afrotopia. São Paulo: n-1, 2019.